

## MINURSO: «QUEM NASCE TORTO ...»

**Joseph Alfred Grinblat, um antigo funcionário das Nações Unidas, escreveu recentemente um artigo sobre a sua experiência de trabalho nos inícios da MINURSO, a Missão da ONU para o Referendo no Sahara Ocidental, que aqui traduzimos pelo seu interesse.**

«Faz agora 30 anos que foi criada a missão referendária das Nações Unidas para o Sahara Ocidental, conhecida como **MINURSO**, e eu fui um dos seus primeiros membros.

«A partir de 1971, estudantes saharauis em Marrocos iniciaram um movimento para a independência do Sahara espanhol. Os saharauis são o povo autóctone da região ocidental do Sahara Ocidental, e o braço político dos saharauis é a Frente POLISARIO que foi formalmente constituída em 10 de Maio de 1973. O primeiro ataque do movimento saharauí contra posições espanholas ocorreu a 20 de Maio de 1973.

«Menos de dois anos depois, em Outubro de 1975, a Espanha iniciou negociações com a direcção da POLISARIO para uma transferência do poder. Contudo, para antecipar esta etapa, Marrocos invadiu o Sahara Ocidental em 6 de Novembro de 1975. O governo de Espanha não quis o conflito e assinou um acordo tripartido com Marrocos e a Mauritânia em 14 de Novembro de 1975, a fim de transferir o território para ambos os países. A POLISARIO, porém, continuou a lutar contra Marrocos a partir da sua base perto de Tindouf, na Argélia.

«Em Abril de 1991 a ONU conseguiu obter um acordo de cessar-fogo entre as duas partes. O plano previa a organização de um referendo no qual o povo saharauí decidiria se queria ser independente ou marroquino, e a ONU criou a MINURSO (Missão das Nações Unidas para o Referendo no Sahara Ocidental).

«O chefe da MINURSO era um diplomata suíço, Johannes Manz, e o seu adjunto era um antigo funcionário paquistanês da ONU, Zia Rizvi. Inicialmente a ONU criou a Comissão de Identificação com a responsabilidade crucial de decidir quem seria autorizado a votar no referendo. Uma vez estabelecida a lista de eleitores, a Comissão mudaria o seu nome para Comissão de Referendo e seria responsável pela organização e supervisão da votação.

«A 1 de Agosto de 1991 fui oficialmente destacado da Divisão de População da ONU para a Comissão de Identificação da MINURSO. O presidente da Comissão era Macaire Pedanou, um membro do pessoal da ONU do Togo, e havia cinco vice-presidentes, incluindo eu próprio.

«O cessar-fogo devia começar no início de Setembro e foi decidido que os vice-presidentes da Comissão deixariam Nova Iorque para El Aaiún (a capital do Sahara Ocidental) a 7 de Setembro de 1991.



Fig. 1: Peões de Hassan II

Os restantes membros da Comissão, cerca de 30 pessoas, deviam juntar-se a nós mais tarde.

«A 7 de Setembro embarcámos num avião da *Royal Air Maroc* em Nova Iorque com 100 quilos de bagagem cada um, o suficiente para passar seis meses no deserto. Mas quando chegámos a Casablanca, na manhã de 8 de Setembro, não nos foi permitido ir a Laayoune e fomos levados à força para Rabat, a capital, pela polícia secreta marroquina. Ficámos retidos lá durante quase duas semanas, até 21 de Setembro, com sessões diárias, tipo lavagem ao cérebro, com pessoas que justificavam a posse marroquina do Sahara Ocidental. Descobrimos que o nosso rapto tinha sido organizado pelo Ministro do Interior de Marrocos, **Driss Basri**, com o acordo de Zia Rizvi, que nos esperava em Rabat.

«Rizvi tinha-se tornado o chefe de facto da missão da ONU em Marrocos porque Manz tinha dado uma entrevista aos meios de comunicação social que o governo marroquino considerara como um apoio à posição da POLISARIO, deixando de ser bem-vindo em Marrocos. Embora Manz tivesse inicialmente planeado estar no país a tempo inteiro, só lá passou dois dias.

«Em 21 de Setembro de 1991 voámos para Laayoune. Lá, em vez de ficarmos numa tenda no deserto, fomos alojados num antigo hotel de cinco estrelas do ClubMed!!!

«Durante as três semanas seguintes, da nossa base em Laayoune estivemos muito ocupados a visitar as cinco regiões do Sahara Ocidental, bem como Tindouf, na Argélia, onde a POLISARIO tinha os seus escritórios. Visitei também Nouadhibou, na Mauritânia, onde também existem campos de refugiados saharauis. O objectivo era discutir com as autoridades locais como implementar a identificação das pessoas que seriam autorizadas a votar no referendo.

«No sábado 12 de Outubro, de regresso a Laayoune após uma viagem a Bojador, uma cidade balnear do Sahara Ocidental, o Governador Azmi, encarregado pelo governo marroquino de acompanhar a MINURSO, disse-nos que Rizvi lhe tinha pedido para regressar a Nova Iorque na segunda-feira 14 de Outubro. Não foi dada qualquer razão para isso. Nesse dia, como ordenado, voámos para Casablanca e de lá para Nova Iorque, onde chegámos no dia 15 de Outubro.

«Soube mais tarde que alguns dias antes de Rizvi nos ordenar o regresso a Nova Iorque, outro vice-presidente da Comissão, Gaby Milev, tinha encontrado uma solução para um problema prático que precisávamos de resolver a fim de iniciar a identificação dos eleitores. Mostrou-a a Rizvi que lhe ordenou que não contasse a ninguém e lhe tirou todos os documentos relacionados com ela. Dois dias depois recebemos as ordens para regressar a Nova Iorque.

«Embora já não estivéssemos no Sahara, éramos ainda membros da Comissão de Identificação, e trabalhámos num relatório sobre como prosseguir o nosso trabalho, a apresentar ao Conselho de Segurança pelo Secretário-geral [da ONU] Javier Pérez de Cuéllar.

«Em Novembro o nosso presidente Macaire Pedanou apresentou o nosso relatório a Pérez de Cuéllar, que lhe pediu que o modificasse para o tornar mais favorável a Marrocos. Macaire respondeu que o relatório não era dele mas da Comissão e que transmitiria o pedido aos outros membros do organismo. Encontrámo-nos e todos concordámos em não alterar o relatório.

«No entanto, o Secretário-geral mandou alterar o relatório antes de este ser apresentado ao Conselho de Segurança. A principal alteração foi que a ONU realizaria o referendo "após acordo das partes" (Marrocos e POLISARIO), em vez de "após consulta das partes". Isto significava que Marrocos ganhava o poder de impedir que a ONU realizasse o referendo.

«Mais tarde descobri que em Maio de 1991 Rizvi fora despedido do seu posto da ONU no Afeganistão devido a graves irregularidades financeiras. Mas viu então ser-lhe oferecido o lugar de adjunto de Manz na MINURSO pelo seu amigo Virendra Dayal que era o director do gabinete executivo do Secretário-geral.

«Para tornar a situação ainda mais bizarra, mais tarde, em 1992, foi oferecido a Pérez de Cuéllar, que se tinha reformado a 31 de Dezembro de 1991, um lugar numa empresa controlada pelo rei Hassan de Marrocos, a **Omnium Nord-Africain (ONA)**. Demitiu-se assim que o cargo se tornou público.

«Manz estava descontente com o que estava a acontecer e demitiu-se do seu cargo de Representante Especial do Secretário-geral para o Sahara Ocidental a 20 de Dezembro de 1991. Os membros da Comissão de Identificação regressaram às suas posições originais na ONU a 31 de Janeiro de 1992.

«Há duas possibilidades para explicar o que aconteceu. A que me parece mais provável é que Pérez de Cuéllar tenha alterado o relatório para o Conselho de Segurança a pedido da França, cujo presidente, François Mitterrand, apoiou abertamente Marrocos (embora a sua esposa, Danielle, fosse a chefe de uma **organização** que apoiava a POLISARIO), e os Estados Unidos, que favoreciam oficialmente o direito dos povos à autodeterminação mas não queriam um Sahara Ocidental independente próximo da Argélia, Líbia e da então União Soviética. A possibilidade menos provável é que Pérez de Cuéllar tenha recebido incentivos de Marrocos para impedir o referendo.

«Em resumo, se Manz não tivesse dado a entrevista aos meios de comunicação social em 1991, ele - e não Rizvi - teria sido o responsável pelas operações diárias da MINURSO em Marrocos. Como resultado, não teríamos sido enviados de volta para Nova Iorque após cinco semanas, e teríamos podido continuar a nossa missão de organizar o referendo, de acordo com a autoridade dada à MINURSO pelo Conselho de Segurança.

«O Sahara Ocidental, país independente, teria sido criado em 1992.

«Após a dissolução da Comissão de Identificação a 8 de Janeiro de 1992, a MINURSO continuou a ter um escritório em Laayoune, tendo como único objectivo controlar o cessar-fogo entre Marrocos e a POLISARIO.

«Em Abril de 1993, a ONU decidiu reactivar a Comissão de Identificação e nomeou Erik Jensen, um membro do pessoal da ONU, como seu presidente. Fui o único elemento da comissão original que foi convidado a integrar a nova Comissão e fui responsabilizado pela formação dos novos membros, uma vez que eles não tinham quaisquer conhecimentos sobre os antecedentes.

«Para minha grande surpresa descobri que todos os ficheiros da Comissão de Identificação tinham desaparecido do escritório da ONU em Nova Iorque. Felizmente tinha guardado comigo alguns ficheiros muito bons, o que me permitiu dar informações detalhadas aos novos membros.

«Fui transferido a tempo inteiro para a MINURSO no dia 16 de Maio. No entanto, não pude partir imediatamente porque ia casar-me a 31 de Maio. Saí a 16 de Junho, um dia depois de eu e a minha mulher termos regressado da nossa lua-de-mel. Fiquei lá durante cinco meses, metade do tempo em Laayoune e metade em Tindouf, e regresssei ao meu trabalho regular em Nova Iorque a 16 de Novembro de 1993.

«Em Setembro de 2021 Marrocos ainda administra o Sahara Ocidental como parte de Marrocos, enquanto a União Africana o considera um país independente ocupado por Marrocos, e a MINURSO ainda lá está com a missão de organizar um referendo. O Conselho de Segurança planeia renovar o seu mandato uma vez mais, a 27 de Outubro [o que se verificou].»

---

**Joseph Alfred Grinblat** é um estatístico-economista-demógrafo que se retirou das Nações Unidas em 2004, depois de ter passado 30 anos na Divisão de População da ONU, excepto para participar em duas missões de manutenção da paz no Sahara Ocidental. Passou também quatro anos na Tunísia (1969-1973), trabalhando para o Conselho da População e para a Fundação Ford. Vive em Flushing, Nova Iorque.